



Segunda-feira, 30 de maio de 2011 - Londrina: min: 6° max: 22°

Digite uma palavra-chave



- Edição do Dia
- Cidades
- Economia
- Agronegócio
- Brasil
- Mundo
- Esportes
- Divirta-se
- Eu no JL
- Classificados
- Empregos
- Cinemas
- Bares
- Horóscopo
- Blogs
- Colunas
- Prêmio Nossa Gente
- Contato

Blogs

Jornal de Londrina >> Blogs >> Com o Perdão da Palavra



Paulo Briguet

Com o Perdão da Palavra

E mais não digo porque não sei

> Quem faz o blog

> Anteriores

Escolha o mês

Entrevista com Karleno Bocarro

26 de Maio de 2011 - 10:29 hs comente esta notícia

A seguir, uma entrevista deste blogueiro com o escritor Karleno Bocarro, autor de "As almas que se quebram no chão", ambientado na Alemanha imediatamente após a queda do Muro. Em agradável conversa por telefone, Karleno me disse que está escrevendo um novo romance, "O Advento", que fala sobre a recusa do homem à transcendência.

Paulo Briguet: Ao comentar a queda do Muro de Berlim, você mencionou passagens de "A Cartuxa de Parma" e "Guerra e Paz" como exemplos do alheamento individual em grandes episódios históricos. Fale sobre os modelos literários e históricos que o inspiraram ao escrever "As almas que se quebram no chão". Além de Stendhal e Tolstói, eu pensei em Dostoiévski, Céline, William Burroughs, Henry Miller. Estou errado?

Karleno Bocarro: Fabrice, em "La Chartreuse de Parme", de Stendhal, vagueia na batalha de Waterloo sem compreender o que acontecia. E Tolstói reconhece que devia muito a Stendhal a sua concepção de história presente em "Guerra e Paz", a impossibilidade de controlarmos os acontecimentos, pois os fatores aí envolvidos são múltiplos. Li "Guerra e Paz" após a conclusão do meu romance, ao ser convidado para fazer uma palestra sobre Tolstói, e minha leitura de Stendhal foi bem antes de escrevê-lo. O que comentei foi uma feliz coincidência de percepções. Acertei, alinhando-me a dois gigantes da literatura, Stendhal e Tolstói, ao lembrar, para compor o livro, a minha estadia na Alemanha durante a Queda do Muro. Os meus personagens "vagueiam" sem bem compreender as causas dos eventos que levaram ao fim súbito do Comunismo, como se algo misterioso os conduzisse, tornando suas vontades inúteis, seus intelectos impotentes. E aqui entra um aspecto importante: a falta de um ânimo ético, entre eles, agrava esta incompreensão. Quer dizer, a capacidade de entendimento deles, de perceber melhor as coisas, e sair-se bem nas dificuldades, é reduzida por uma recusa, um fechamento, à transcendência. **Sem a ajuda de fontes importantes do conhecimento – a fé, a tradição, a revelação, a experiência de santos e místicos – corremos o risco de cairmos o tempo todo, como se tateássemos no escuro, próximo ao abismo da morte.** Este é o meu ponto de interesse como escritor, e que também move a minha leitura, o encontro com meus modelos. Você identificou bem Dostoiévski e Céline entre eles. O problema que instigava a Dostoiévski, o papel da transcendência no nosso destino, é de um homem brigando com anjos para obter um sentido à própria existência. Ou Deus o abençoava, mostrando-se a ele, ou ele não O largava! Eu vejo as coisas assim: ou há um lugar para o amor, o belo e a verdade nesse mundo, ou morreremos lutando com demônios que nos levam a pensar o contrário. Mas é preciso, como diz D. H. Lawrence, ser assombrosamente religioso para ser um artista. Aprecio a literatura russa porque ela coloca o problema da existência de Deus como central. A literatura norte-americana – lembro aqui de Hawthorne, Melville, Faulkner, Flannery O'Connor e Cormac McCarthy – alinha-se aos russos. Esses são alguns dos meus modelos. E de Céline prezo, além do estilo incisivo, cru, o modo como ele retrata a pobreza: sem sentimentalismo e hipocrisia. Acho que os escritores brasileiros aprenderiam bastante com ele e com Knut Hamsun, autor de um livro hoje esquecido, "Fome". Se é para escrever sobre os pobres antes escreva sobre si mesmo, coloque-se numa situação de completa miséria, e você verá aí as inúmeras possibilidades que se abrem à criatividade. Enfrentar as dificuldades é fazer-se mais forte! Li William Burroughs e Henry Miller na minha adolescência; não os tenho como modelo. Alguns leitores identificam os beatniks entre minhas influências. Pode haver, mas não de modo consciente. Talvez porque o sexo e a violência estejam tão presentes na minha literatura.

Paulo Briguet: Quem é Bocas, afinal (além de um grande personagem)? Cheguei a pensar que ele era é um produto da imaginação de Marco e Barad.

Karleno Bocarro: Boa pergunta, quem é ele, afinal? O aspecto demoníaco de sua pessoa fascina. Mas é porque todos nós podemos ser tentados a sentir êxtase na desrazão. Os momentos de maior prazer, dele, Bocas – e aí já temos que ter cuidado - manifestam-se nos momentos mais sórdidos. Ele, porém, não é um sádico! Sua amizade por Gruba é sincera. O seu poder de manipulação é intenso com aqueles que ele não se importa. Não é raro tipos assim; nos dias de hoje, é claro. Raskhólnikov, de Crime e Castigo, sente culpa. Bocas, não! Acho que ele está mais para um pesadelo – desses que é quase impossível despertar! – de Marco e de Barad...

Paulo Briguet: Lula – ou um líder operário muito parecido com ele – aparece dando uma palestra em Berlim, nos anos 90. Qual é o significado desse episódio para a narrativa?

Karleno Bocarro: É um traço de nosso tempo, não? Mas a melhor resposta nos dá W. B. Yeats: "The best lack all conviction, while the worst are full of passionate intensity". Quis mostrar isso no livro, um reflexo do nosso Zeitgeist, espírito do tempo. Tanto que o episódio serve como uma autojustificativa para os poucos esforços com que o protagonista do livro, Marco, leva seus estudos em Berlim. E é Marco quem observa, sem ironias, que não é preciso grandes esforços, dignidade, para se chegar ao poder.

Paulo Briguet: Martim Vasques escreveu (na Dicta & Contradicta, se não me engano) que a primeira versão do livro, lida por ele, era bem diferente. O que mudou? O que ficou de fora?

Karleno Bocarro: Não era tão diferente assim. Acrescentei um narrador por achar que a trama estava um pouco solta. É este narrador quem descreve os primeiros momentos dos personagens em Berlim, o encontro deles na universidade, onde se conhecem. Apenas tomei um dos méritos do livro, a capacidade de captar o interesse do leitor desde as primeiras páginas, mais intenso.

Paulo Briguet: Em 2011, completam-se 50 anos da construção do Muro de Berlim. De que maneira ele continua erguido? Você conhece órfãos do Muro?

Karleno Bocarro: Não é melhor dizermos, o que ele soltou ao vir abaixo? Não é preciso grandes esforços para identificá-los. Esses órfãos do Muro são aqueles que hoje determinam o que devemos comer, fumar, beber, ler, e como ler, como educar nossos filhos e nos comportar diante daquilo que não gostamos. O politicamente correto é um de seus refúgios, e de onde partem para tumultuar a vida alheia.

Últimas Notícias

- 17:48 **Visita ao Uruguai** Dilma e Mujica destacam...
- 17:41 **superlotação** Cadeias do Paraná têm 13.221...
- 17:40 **Saúde** Ministros europeus discutem surto d...
- 17:39 **Lago Paranoá** Polícia do DF inicia perícia...
- 17:38 **Polêmica** Ex-pilotos condenam comportament...
- 17:37 **Oriente Médio** Israel prende cinco palesti...
- 17:35 **Bahia** Quadrilha faz arrastão e leva pânico...
- 17:32 **Interferência** Ciro Gomes diz que Lula err...
- 17:31 **Governo** José Sarney minimiza crise entre ...
- 17:30 **STJ** Homem é indenizado após 12 anos de es...